

4/8

«SEARA NOVA» N.º 142-2
A sair em ... *Junho* de 1968
Provas enviadas à Censura em
... 9 de 5 de 68.



DEPOIMENTO SOBRE JOSÉ FERREIRA GOMES

Logo recordei, no início desta Primavera branda de 68, os versos de José Gomes Ferreira:

«Primavera para quê?
Malmequeres para quê?
Para a aceitação com perfumes
deste silêncio de fossa?»

E perante esta mesma Primavera, em Lisboa, a resposta que encontrei é a que o poeta dá a si próprio, já não uma aceitação — no poema VIII de «Pessoais»:

«Posso lá compreender os teus olhos resignados
com qualquer mecânica da Primavera!
Eu que estou farto das canções vazias dos passaros
e dos montes de pedras
que já ninguém sabe quem criou
neste enredo da preguiça das árvores
a repetirem sonâmbulas
a herança azul
do primeiro caos da criação.

Eu que quero outra luz,
outro sol,
outra morte,
neste planeta de cadáveres
enfurecido de flores.

Eu que só choro diante das paisagens
quando me lembro que por dentro das pedras

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

49

«SEARA NOVA» N.º 1472

A sair em Junho de 1968

Provas enviadas à Censura em

9 de 5 de 68



corre, negro e escondido,
o sangue humano de todos os fuzilados.

A Primavera queremos nós criá-la.
Nós, os homens.

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Percorrendo continua e tensamente o diapasão da desesperança e de esperança, uma das linhas de força da poesia de José Gomes Ferreira consiste precisamente nesta dinâmica de fluxo e refluxo sempre conduzida com extrema lucidez.

Sendo uma poesia ostensiva de estados de alma ela não pratica contudo o que o poeta não hesitaria em chamar «demagogia» dos estados de lma (recorde como vitupera os críticos demagogos do mistério — «O terrível ofício do poeta» (in Memória das Palavras) pecha corrente da poesia confessional.

Conservando uma admirável limpidez — O estado de alma, como tudo o que é demagogizado, é obscurantista — Vide a poesia de José Régio —, e embora tanto gritando e apostrofando como José Régio, José Gomes Ferreira faz sempre da sua poesia uma autêntica interiorização do mundo no poeta e não um mergulho cego no casulo da alma como feixe imbricado de essências.

Poucos se atrevem a falar de ofício a propósito de poesia — diz José Gomes Ferreira em «O terrível ofício de Poeta». Ele, porém, reúne — coisa já dita e redita — de uma maneira admirável a dupla consciência de poesia como ofício e como arma ou apelo. Releio, por fim, os versos muito belos de «Província»; recorde:

«Que fazeis neste céu, corvos inúteis
em desenhos redondos de carnagem?»

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO